

# Ulysses agora trabalha para eleger Mesa da Câmara

Brasília — O deputado Ulysses Guimarães, numa reunião com a bancada do PFL, garantiu que será mantida a eleição para as Mesas do Senado e da Câmara. O líder do PFL, José Lourenço, informou que Ulysses estava preocupado após a decisão da bancada do PMDB, com a possibilidade de rompimento do acordo que deu a seu partido duas vagas na Mesa da Câmara.

No momento da tomada de posição da bancada do PMDB, Ulysses disse que votava "a favor da tese", ficando claro que a decisão ficava "subordinada ao voto do plenário da Câmara, ao voto da maioria". Ao fazer essa declaração naquele momento, ele deu a senha para um jogo de cena em que se meteu com boa parte do seu partido. Na manhã de sábado, já estava articulando com os governadores do partido o aliciamento de deputados para fazer o contrário do que a bancada decidira na véspera.

Ao votarem pelo funcionamento de uma Constituinte exclusiva, o deputado Ulysses Guimarães e mais 160 deputados do PMDB deram a entender que não participariam da eleição para a mesa da Câmara, convocada para a manhã desta segunda-feira. Mas os deputados Paulo Mincaroni, Paes de Andrade e Heráclito Fortes, indicados pela bancada para os outros três cargos da mesa reservados ao PMDB, além da presidência, começaram imediatamente um trabalho para garantir a presença dos deputados na eleição. Senão, seus interesses seriam contrariados.

A questão tende a encaminhar-se para uma solução, depois que Ulysses ouviu da bancada do PFL que este partido não concorda com a Constituinte exclusiva e vai em peso à reunião para a eleição da Mesa. Passou a existir, então, a possibilidade de ser eleita uma Mesa Diretora da Câmara à revelia do PMDB. Depois de ouvir o PFL, Ulysses pegou o telefone na Comissão de Trabalho da Câmara e ligou para o governador José Aparecido, para saber se os oito deputados de Brasília iriam comparecer à reunião.

Aparecido tranquilizou Ulysses quanto à presença dos deputados. Em seguida, o presidente do PMDB tentou falar com o governador do Espírito Santo, Max Mauro, mas não o encontrou do outro lado da linha. Logo depois foi informado por um assessor de que naquele momento o deputado Paes de Andrade comandava uma reunião para montar a estratégia de aliciamento de deputados, e

## Mudanças bruscas, um estilo

Brasília — Em julho de 1986, o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, foi a Porto Alegre com a missão de promover a coligação PMDB-PDS para as eleições de novembro. Sua disposição, contudo, não resistiu à barulhenta manifestação que o aguardava desde o aeroporto Salgado Filho, e ele foi logo declarando à imprensa justamente o contrário: que não aprovava qualquer união entre o virtual candidato pemedebista ao governo, Pedro Simon, com o pedesista, Nelson Marchezan.

Este é apenas um dos exemplos sempre lembrados, entre críticas ou risos de aprovação, de como o veterano presidente do PMDB não resiste à pressão das massas — sejam as que produzem manifestações em ruas ou aeroportos, as que se amontoam nas galerias do Congresso ou as que formam as bancadas do seu partido. Por isto, não houve surpresa, anteontem, quando o próprio Ulysses mudou de posição e votou a favor da moção do PMDB que suspende o funcionamento da Câmara e do Senado durante os trabalhos da Constituinte.

O experiente Petrólio Portella, então presidente do Senado e empenhado na distensão, costumava dizer que conversar com a OAB, Igreja e trabalhadores até era fácil, difícil era o chefe das oposições, o dr Ulysses, cumprir acordos fechados em gabinetes quando esses acordos eram submetidos a seu partido.

Naquela época, Petrólio e Ulysses



Ulysses e José Lourenço chegam à Câmara para a reunião com a bancada do PFL

soube que os deputados Carlos Sant'Anna e Pimenta da Veiga também trabalhavam neste sentido. Ulysses ainda falou com o senador Pompeu de Souza, a quem disse que estava enfrentando "algumas dificuldades", embora com a disposição de "arrumar tudo com a ajuda de gente como o José Aparecido. Ele é um trator".

O deputado Paulo Mincaroni, que tem um compromisso por escrito com a bancada gaúcha do PMDB para apoiar a tese da Constituinte exclusiva, sentia-se "constrangido" a pedir a presença dos deputados na eleição da Mesa. Mas admitiu que "embora seja uma intenção muito louvável a tese da Constituinte exclusiva, não se pode ir contra a realidade, que é a de que a Câmara precisa ter uma Mesa Diretora e ela vai ser eleita". O deputado Ulysses Guimarães "está fazendo um grande trabalho para que os deputados compareçam à eleição", confirmou Mincaroni.

eram adversários, mas, hoje, Ulysses mantém a mesma suscetibilidade no seu papel de presidente do principal partido de apoio ao governo Sarney. Em novembro de 1985, na votação da polémica emenda Jorge Uequed (que concedia uma anistia ampla geral e irrestrita aos funcionários e militares cassados, aproveitando a proposta de convocação da Constituinte enviada ao Congresso pelo governo), Ulysses votou a favor num dia e contra no outro.

Na votação do "destaque" — instrumento permitindo que o mérito da emenda vá a plenário —, Ulysses votou a favor, numa implícita manifestação de voto quanto ao mérito. No dia seguinte, depois de tensas e até ameaçadoras discussões no âmbito do governo, a bancada pemedebista estava bem menos inclinada a aprovar a tal anistia pretendida por Uequed, e Ulysses não hesitou: votou contra o mérito, e a emenda acabou sepultada.

Por essa mania de ficar com a maioria, Ulysses chegou a protagonizar um episódio que seu amigo, correligionário e concorrente Tancredino Neves lembraria pelo resto da vida. Em 1977, na votação da reforma judiciária proposta pelo governo Geisel, os dois tinham acertado que fariam discursos contra o fechamento de questão pelo PMDB, pois isso impediria que a reforma tivesse quorum suficiente para votação e, portanto, fosse aprovada.

## O governo se sentiu traído

Villas-Bôas Corrêa

Brasília — O presidente José Sarney reagiu à destrambelhada decisão da bancada do PMDB com a irritação de quem se sente atingido por um golpe de surpresa, desfechado com requinte de traição. Não apenas chocou Sarney a extravagância da virtual dissolução da Câmara e do Senado que se continha na proposta aprovada num impulso de afirmação radical e juvenil dos novos parlamentares eleitos. Mas, ela também o alvejou com ameaças e farpas que o colocariam de mãos amarradas sob o controle dos caprichos da Constituinte extrapolando na sua soberania.

O governo entendeu que antes de se dedicar à tarefa de elaborar a futura Constituição o PMDB pela maioria desatinada da bancada se propunha a revogar a pobre Constituição em vigor, com todos os remendos das 26 emendas.

Se a Constituinte pode tudo, sem respeitar os claros limites da sua ampla competência, até que a nova Constituição seja aprovada e promulgada, o país praticamente viverá um intervalo, uma entressafra sem lei e nem direitos consagrados. A Constituinte, disparando com os freios nos dentes, decide sobre o hoje, revoga o ontem e delibera sobre o amanhã.

Informado ou presentindo a reação de perplexidade indignada do presidente, o deputado Ulysses Guimarães telefonou à noite para o Palácio da Alvorada procurando deitar um pouco de água na fervera. As coisas não eram bem assim e nem havia nenhuma decisão irrevogável. E a reunião da bancada deveria ser interpretada na sua exata dimensão de um extravazamento de ressentimentos, de queixas e de exibicionismo dos novos, no deslumbramento da *avant-première*.

Ulysses serenou os ânimos, anunciando que as conversas e articulações entrariam pela madrugada, encheriam o vazio do sábado e que até a instalação da Constituinte e a eleição da Mesa do Senado seria encontrada a fórmula de composição. Na forma do louvável costume.

A intervenção do presidente do

PMDB, amortecendo as críticas sobre a sua atuação omissa na condução da reunião da bancada, colheu Sarney no instante em que recebia estímulos e conselhos para aceitar o desafio, correr os riscos de consumir a divisão do partido, assumindo a articulação da maioria dos constituintes, fiéis ao governo. O PMDB não suportaria uma ofensiva comandada pelo próprio presidente, recrutando a solidariedade de um apoio consistente. A começar pelos governadores. Com um punhado de telefonemas, Sarney fecharia o cerco, dirigindo apelos pessoais a cada um dos parlamentares.

Certamente que não é essa uma sugestão que se costure com o temperamento conciliador do presidente. Mas dá uma idéia do estado de espírito do governo, do espanto, da incredulidade e da indignação que se sucederam na escalada das reações.

Um deputado dos mais próximos do presidente resumiu a sua impressão da reunião da bancada com esta frase, que está causando sucesso:

— Acabei de assistir a uma reunião da UNE. Coisa que não fazia há mais de 20 anos.

De fato, como amostra da maior bancada partidária da história do país, não podia ser mais desastrosa. Em 10 horas de discursos, vaias, queixas, críticas e muita lavagem de roupa suja, o PMDB conseguiu abrir uma crise com o governo, irritar o presidente José Sarney, jogar os deputados contra os senadores, inclusive os do partido, desagradar os aliados do PFL, juntar todos os demais partidos em frente contra a legenda e montar um impasse que deve ser deslindado com horas de conversas, com recuos e concessão.

O PMDB teve uma estratégia lastimável e contraditória. Pois ao mesmo tempo em que consagrava o deputado Ulysses Guimarães, pulverizando a candidatura do deputado Fernando Lyra, expôs sua liderança ao desgaste na exibição de uma evidência: o PMDB não tem comando.

Encaminha-se para a instalação do Congresso-Constituinte como um bando que desconhece o chefe e dispara à provocação dos panos da demagogia e da insensatez.

## Presidente evita usar rampa

Brasília — Para evitar vaias e outros incidentes desagradáveis, o presidente José Sarney não vai subir a rampa da entrada principal do Congresso Nacional para participar da sessão da instalação da Assembléia Constituinte. Optou pela entrada onde está localizada a chapelaria, abaixo da rampa. O trajeto da comitiva presidencial prevê a entrada na garagem do Senado pela rua de serviço paralela à Esplanada dos Ministérios, passando pelos subterrâneos das comissões, e o ingresso pela contramão na pista de entrada da chapelaria. Sarney não vai ver a festa que acontecerá na rampa.

— Você queria que ele entrasse pela rampa da entrada principal e fosse vaiado pelo pessoal da CUT? — perguntou um assessor do presidente. Mas o porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, deu outra versão para a decisão de Sarney:

— O presidente é muito supersticioso, e por isso decidiu evitar a rampa. Não foi uma decisão tomada por motivos de segurança.

### Manifestação

Vaiar o presidente da República, ou adotar contra ele qualquer atitude hostil, não é intenção dos manifestantes, garantiu o secretário de imprensa da CUT-DF, Francisco Pereira. A manifestação foi convocada, explicou, porque o governo não convidou os trabalhadores para a festa de instalação da Constituinte:

— E a CUT, os sindicatos, associações de moradores e o PT, o PCB e o PDT repudiamos com veemência essa clara demonstração de que a nova Constituinte será feita sem a participação do povo. Vamos aproveitar para protestar exigindo mudanças, como o salário mínimo de Cr\$ 4 mil 884, calculado pelo Dieese, eleições diretas para o governo do Distrito Federal, uma reforma agrária ampla e irrestrita e o fim da sangria provocada pela dívida externa.

Semana passada, a CUT distribuiu 100 mil panfletos convocando a população a participar do ato público. A convocação é assinada por 21 entidades de

classe e a previsão é de que mais de 30 mil pessoas, entre moradores de Brasília e delegações de outros estados, participem da manifestação:

— Vamos em clima de paz — disse Pereira — e não tememos repressão por parte do governo.

### Segurança

Apesar de o governador José Aparecido não estar preocupado com a manifestação programada pelos sindicalistas, anteontem ele se reuniu com o secretário de Segurança do Distrito Federal, coronel Olavo de Castro, o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, o ministro-chefe do SNI, Ivan de Souza Mendes, e o ministro-chefe do Gabinete Militar, Bayma Denys, para discutir a estratégia de segurança para a instalação da Constituinte.

— Será uma ação integrada entre o governo do Distrito Federal e o governo federal. Basicamente, as polícias Civil e Militar é que vão atuar, mas o pessoal do governo ficará alerta, pronto para agir em qualquer emergência, explicou o governador, que vai coordenar pessoalmente o esquema.

Esse esquema, batizado de "Operação Esperança", vai abarcar todo o pessoal disponível da Polícia Civil e PM, totalizando cerca de 12 mil homens distribuídos por pontos estratégicos da cidade. O secretário de Segurança de Brasília, Olavo de Castro, disse que o policiamento será limitado à área externa do Congresso, "mas o contingente de policiais poderá dar apoio interno, caso seja solicitado".

Olavo de Castro disse desconhecer os contatos feitos pelo governador com membros militares do governo federal e não conta a princípio com a possibilidade de ter de reprimir pela força qualquer manifestação:

— Todo o gramado do Congresso está liberado ao público, e espero que nesse dia as manifestações não se transformem num drama.

## Senador não apóia deputado

Brasília — A proposta dos deputados do PMDB de suspender os trabalhos da Câmara e do Senado durante a Assembléia Constituinte não tem o apoio dos senadores do partido. Os 37 eleitos pelo PMDB tomarão posse hoje junto aos sete novos senadores do PFL, dois do PDS e um do PDT.

— Nós temos uma Constituição e vamos cumpri-la — anunciou o presidente em exercício do Senado, Guilherme Palmeira (PFL), que está no meio do mandato e substitui o presidente José Fragelli, não reeleito. Ele sabe que contará com a presença dos senadores do

PMDB para a cerimônia, não admite sequer pensar em adiá-la e dá pouca importância à deliberação dos deputados do PMDB. "Uma decisão de bancada não quer dizer coisa alguma", afirmou.

— Se a Câmara de Deputados não quer trabalhar, o problema é dela — disse o senador Hélio Gueiros, que permanece em Brasília até março, quando toma posse no governo do Pará. Para ele, argumentar que o regimento interno da Constituinte pode suspender um artigo da Constituição em vigor e impedir, como ela determina, a posse dos eleitos "é coisa de ginasiano".

## Gorbachev é modelo para PDS

Em matéria de Constituinte, o PDS parece mais revolucionário que o PCB. Aliado aos comunistas, e também ao PT, na defesa da tese da Constituinte exclusiva, o deputado Bonifácio Andradinha (PDS-MG) ao discutir o assunto com o líder do PCB Roberto Freire (PE), chamou-lhe a atenção em nome da renovação soviética: "Eu acho que a democracia tem que vir das bases. Estou com o Gorbachev, você está com o Brejnev". Em seguida, virou-se para o lado e comentou: "Ainda bem que o Freire está com o Brejnev. Imagina se nos mandam aqui o Stálin".

Andradinha, como Bonifácio Andradinha é conhecido, surpreendeu os líderes dos outros partidos com sua defesa intransigente da Constituinte exclusiva, mas explica sua posição citando a frase mais famosa de seu bisavô Antônio Carlos de Andrada, presidente (era o título do governador) de Minas Gerais durante a Revolução de 1930:

"Precisamos fazer a revolução antes que o povo a faça".

Reunido com as lideranças dos pequenos partidos, na Câmara, o deputado usou de toda a sua experiência, adquirida em sucessivos mandatos parlamentares, para manobrar a favor da Constituinte exclusiva, que ainda encontra resistências dentro do PDT e do PTB. Daí as alianças com o PT e o PCB.

"Forças poderosas, forças terríveis", dramatizou, "estão querendo abafar a Constituinte. Eu conheço essas forças e isso vai ser péssimo para o país". Durante a reunião, lançou mão do argumento de que o PMDB ficará mais fraco se Câmara e Senado não funcionarem, na tentativa de convencer os indecisos. Segundo ele, "na Constituinte não vai ter partido e o PMDB se dividirá em blocos que vão se aliar de acordo com as teses que estiverem sendo discutidas".